



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MATO GROSSO

**PECADORES DE MÃO TRIPLA: SEXUALIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL EM
“SUBMUNDO DA SOCIEDADE” (1973) DE ADELAIDE CARRARO**

ELISA DE ARAÚJO LOPES

CUIABÁ

2021

ELISA DE ARAÚJO LOPES

**PECADORES DE MÃO TRIPLA: SEXUALIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL EM
“SUBMUNDO DA SOCIEDADE” (1973) DE ADELAIDE CARRARO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Mato
Grosso - UFMT, Câmpus Cuiabá.

Orientador: Prof^ª. Dra. Thaís Leão

CUIABÁ

2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, que me ajudou a trilhar esse caminho e chegar até aqui. Antes de mencionar algumas pessoas queridas, gostaria de agradecer a existência da universidade pública no Brasil, sem essa existência não poderia ter feito uma faculdade.

Assim, agradeço as pessoas que fizeram parte desta trajetória comigo, me aconselhando, incentivando, muitas vezes me vendo chorar ou rir diante de tudo que vivi e aprendi na faculdade, dedico este trabalho a minha mãe, Marta e ao meu pai, Nilson. Sem o apoio de vocês não teria chegado até aqui, vocês me transmitem força e acreditam na educação assim como eu, nada do que mencionar aqui pode descrever o quanto sou grata aos dois por todo afeto, dedicação, amor e por tudo que me ensinaram e ensinam.

Agradeço também a minha irmã Nicole, companheira, amiga, sempre apoiando e me incentivando. Esteve presente em vários momentos de crise e ela me fazia ver que iria conseguir concluir a faculdade. Obrigada pela força, por acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditei e pelo amor que recebo de você. Você sabe o quanto é importante para mim. Assim, aproveito para agradecer minhas irmãs Joice, Michele e Elaine que de algum modo também fizeram parte dessa caminhada pela graduação. Obrigada pelas risadas e momentos de descontração, faz parte para manter a mente em equilíbrio. E assim, agradeço a toda minha família, minha avó Lucia, meus tios (Eduarte, Adilson, Pedro) e minhas tias (Lurdes, Luiza, Adriana, Patrícia) que torcem e oram por mim, sei que a vida foi generosa comigo ao ter tantas pessoas boas que querem o meu bem, ao qual não poderia deixar de mencionar aqui.

Agradeço as minhas amigas Renata e Leticia que estão comigo desde o ensino médio e sabemos como é difícil manter uma amizade por tantos anos, quando a gente se reuni parece que nada mudou, é muito bom ter a amizade de vocês. Também não poderia deixar de falar e agradecer as minhas amigas Leticia Nogueira e Camila, que me alegram, choramos e rimos juntas, conversamos quase todos os dias e o assunto não acaba. Além disso, gostaria de agradecer a minhas amigas Ana e Amanda, a vida nos uniu através da minha irmã e como é bom ter vocês por perto, uma apoiando a outra.

Esse processo de concluir a graduação é um sonho se tornando realidade, agradeço em especial a minha orientadora Thais Leão, por todos esses anos. Te encontrei em um momento que estava desanimada com a faculdade e você me ajudou a entender a importância de estar ali e da pesquisa. Aproveito para agradecer a todos os professores que tive o prazer em conhecer nesse processo e aos professores Bruno e Robson que aceitaram ler o meu trabalho e fazer parte da banca.

Aos meus amigos da graduação agradeço por toda experiência, fico muito feliz em fazer parte do grupo GEPD+ História (pró-Enem). Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento acadêmico e enquanto ser humano. Também agradeço ao grupo de pesquisa GEPHELIC, grupo de estudos que contribuiu para esta pesquisa se desenvolver.

E por fim, em memória da minha Avó Maria, agradeço por todo ensinamento de amor, afeto e de luta. Ela sempre foi uma inspiração para mim e mesmo nas lembranças

não posso deixar de recordar o quanto ela estaria feliz em ver sua neta concluindo a faculdade. Obrigada a todos por tudo e por tantas memórias boas que carrego comigo ao longo desses anos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo referente a uma análise de uma obra literária “Submundo da Sociedade” de 1973 e dessa forma dialogar com o contexto da obra devido a crítica social que a autora Adelaide Carraro traz no livro. Por isso, a discussão de sexualidade e exclusão social são o foco deste trabalho para compreensão da censura da obra ao qual foi considerada subversiva a moral pela censura durante o período de ditadura no Brasil.

Palavras-Chaves: Adelaide Carraro. Submundo da Sociedade. Censura

ABSTRACT

The present work aims to present a study referring to an analysis of a literary work “Submundo da Sociedade” from 1973 and thus to dialogue with the context of the work due to the social criticism that the author Adelaide Carraro brings in the book. Therefore, the discussion of sexuality and social exclusion are the focus of this work, to understand the censorship of this publication to which the morality was considered subversive for the censorship during the period of dictatorship in Brazil.

Keywords: Adelaide Carraro. Submundo da Sociedade. Censorship

Sumário

1. PECADORES DE MÃO DUPLA: SEXUALIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL EM “SUBMUNDO DA SOCIEDADE” (1973) DE ADELAIDE CARRARO.....	7
2. BREVES APONTAMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
3. ANÁLISE DA OBRA.....	16
4.CENSURA DA OBRA: ANÁLISE DE JORNAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1. PECADORES DE MÃO DUPLA: SEXUALIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL EM “SUBMUNDO DA SOCIEDADE” (1973) DE ADELAIDE CARRARO

Esse artigo tem como objeto de pesquisa a obra “Submundo da Sociedade” da escritora brasileira, Adelaide Carraro. Nasceu no interior de São Paulo em Vinhedo. 30 de julho de 1936. Tinha mais onze irmãos, ficaram órfãos e a autora passou a viver em um orfanato para garotas, segundo informações de dois livros publicados pela autora “Eu mataria o presidente” e “Eu e o governador”, Carraro conta que viveu no orfanato durante muitos anos em condições precárias e contraiu tuberculose, foi enviada a um lugar para tratar somente desses casos e sobreviveu à tuberculose¹. Nunca se casou, mas adotou duas crianças e morreu em janeiro de 1992. A autora teve cerca de quarenta livros publicados ao longo de sua carreira enquanto escritora e segundo a editora Global², mais de 2 milhões de livros vendidos.

O objetivo da pesquisa é fazer uma contextualização da década de 1970 através da análise da obra “Submundo da Sociedade” de 1973. Compreender o que a obra traz sobre sexualidade, raça e classe. Essa discussão dentro do trabalho está associada a censura que obra sofreu durante o período de ditadura militar.

Nesse sentido, o problema da pesquisa é entender esse contexto de repressão militar, censura e descrever a moralidade vinculada ao conservadorismo. E com isso, discutir sobre como a autora aborda a sexualidade, exclusão social atrelada a essa moralidade em sua obra. O porque da Adelaide Carraro trazer problemas que estão na sociedade e coloca-los em seus livros chamando atenção para essa realidade.

A hipótese desse trabalho é uma resposta provisória para o problema dessa pesquisa justamente pela autora mostrar em sua obra problemas estruturais. A obra foi censurada por estar relacionada a conteúdos subversivos, portanto, a hipótese de pesquisa tratará dessa dimensão crítica, que não está apenas relacionada à censura relacionada à pornografia, mas também à dimensão da crítica social que autora traz em sua obra. Portanto, esse trabalho relaciona a forma como é construída a ficção e o que significa para os historiadores tratar essa literatura como uma arte que constrói uma mediação do real.

¹ Livro “Eu e o governador” (1975) e “Eu mataria o presidente” (1977) Adelaide Carraro: Relatos autobiográficos presentes no livro.

² Os dados foram disponibilizados pela Editora Global. Disponível em: <https://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=2004ado>. Acesso em:

A justificativa desse trabalho parte da pesquisa ser conduzida a partir de questionamentos referente a moralidade dos anos de 1970, visto que essa análise implica entender a censura das obras literárias de Adelaide Carraro. Diante disso, a relevância da minha pesquisa em relação ao objeto de estudo corresponde a falta de pesquisas no campo da história que relacione a literatura desta autora, principalmente a obra escolhida “Submundo da sociedade”, ao qual será analisado uma literatura classificada como erótica e que lida de certa forma com problemas estruturais bem como raça, classe e sexualidade no período da ditadura militar.

As obras censuradas da autora foram consideradas durante o período de ditadura militar, como subversivas e incomodavam as autoridades da época, pois a escritora contradizia o discurso oficial por meio de suas obras, não à toa, a maioria de seus livros publicados foram censurados.

No início do livro “Submundo da Sociedade” de Adelaide Carraro, foram escolhidas três cartas dentre as que a autora recebia de seus leitores e em seguida, colocadas anteriormente ao primeiro capítulo da primeira edição impressa no Brasil em julho de 1973, publicada pela editora Global com a proposta de mostrar a visão do público em relação a autora, apresentando o que as pessoas estavam comentando e pensando sobre a autora. O que chama atenção sobre as cartas escolhidas do livro é o fato de que sugerem um reforço de uma visão que a própria autora descreve sobre si em seus livros - uma percepção mostrada de que a autora fala a verdade e de que não tem medo de expressar esta verdade em suas obras.

A primeira carta foi escrita por Uilson Pinheiro Dias, segundo as informações apresentadas no próprio livro, a carta foi escrita no dia 29 de julho de 1973. No corpo do texto o escritor da carta descreve “Queria no mínimo, lhe dizer que me livrei dos braços cruéis do mundo depois de ler alguns de seus livros (...) hoje depois de ter todas as suas obras agradeço muito a você por ser quem sou”.³ Nesse sentido, a reflexão diante do que foi escrito nesta carta demonstra uma admiração do leitor para com a autora, como se a Adelaide Carraro o fizesse enxergar o mundo de outra forma. Percebe-se isso devido a forma como Uilson Dias se expressou na carta ao se referir que se livrou dos “braços cruéis do mundo” após a leitura de livros da autora, contribuindo inclusive em sua forma de ser.

³ Presente em CARRARO, Adelaide. *Submundo da sociedade*. São Paulo: Gama (Global), 1973. (1a edição).

A segunda carta foi escrita em 07 de agosto de 1973, por Rosa Auxiliadora de Oliveira. Nesta carta, duas partes podem ser destacadas ao analisar o conteúdo. Em primeiro, quem escreveu a carta trata a autora como se fosse uma pessoa próxima e expressa seu desejo de ter uma amizade com Adelaide Carraro. Percebe-se esse ponto através da seguinte frase: “Li diversos livros seus, e notei que você tem uma grande quantidade de carinho, amor e realidade impressionante”⁴. Um fator que contribui para essa aproximação com o leitor é a utilização da linguagem popular, ao qual procura uma interação com o leitor dentro da própria história no livro, o que fica evidente no trecho: “A explicação aos meus leitores será só minha” (CARRARO, 1973, p. 43). A parte retirada fica posicionada após um diálogo entre os personagens Zé e Vitor sobre “Boca de lixo” descrito no livro como um lugar de prostituição.

A terceira carta foi escrita por Dinalva Pires do Carmo em 7 de janeiro de 1970. Diante determinados trechos desta carta, pode-se analisar a identificação da leitora com a autora ao dizer “Adelaide gosto muito dos seus livros e sei perfeitamente que neles só existem verdades. Pois reflito e vejo tudo que eles dizem”.⁵ Bem como este outro fragmento:

Veja só Adelaide como eu gosto de você: Certa vez li em uma revista a seguinte frase ‘as escritoras malditas’ e essa frase era para você e Cassandra Rios, fiquei com tanta raiva que cheguei até a chorar. No lugar de ‘MALDITAS’ devia estar ‘BENDITAS’ isso sim. O povo é assim, não apoiam nunca pessoas que falam a verdade (CARRARO, 1973, s.i.).

Diante o conteúdo dessas cartas, é possível compreender o porquê de os leitores sentirem que são próximos da autora. Analisando a forma escrita e a interação dentro do livro, a percepção é a de que se estivesse conversando com quem lê seus livros, dessa forma, possibilita com a leitura, sentir a aproximação e identificação com a autora. A própria escritora se expressa como uma pessoa que escreve somente a verdade e, por isso, a escolha da sua forma escrita não ser uma linguagem formal faz todo sentido, pois, viabiliza maior alcance de leitores, do conteúdo e a esta verdade que ela demonstra precisar dizer ao público. Em uma entrevista publicada pela Revista Bordas do Centro de Estudos da Oralidade, a qual foi dirigida pelo jornalista Wladyr Nader, a autora, fala sobre sua produção literária e apresenta sua visão, a qual descreve: “Os meus livros são reais, verdadeiros, é a verdade nua e crua. Acho que nem é literatura o que eu escrevo” (CARRARO, 1973).

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

A pesquisa é conduzida com base na abordagem metodológica utilizada em “Literatura e Sociedade” (CÂNDIDO, 1967). Na obra, o autor produz uma análise sobre a literatura e a relaciona com o meio social. Desenvolve sua obra como um manual, propondo uma análise sobre o que representa uma obra literária, como estabelece a construção dos fatos por meio da narrativa. Nesse sentido, a análise da construção narrativa sustentada pelo discurso produzido receberá destaque nos estudos deste trabalho, sob a perspectiva dos métodos da História.

A verificação de que as culturas são relativas leva a meditar em tais singularidades, que seriam explicadas, não à luz de diferenças ontológicas, mas das maneiras peculiares com que cada contexto geral interfere no significado dos traços particulares, e reciprocamente, — determinando configurações diversas. (CÂNDIDO, 1967, p. 52).

O aspecto de criação literária, baseado em comportamentos, experiências e parte de uma mentalidade como representação da construção ficcional e a mistura com o real presente em uma literatura. Nesse sentido, se faz válido analisar a construção estética da obra de Adelaide Carraro e entender o condicionamento da obra a partir do contexto inserido. Em geral, é mais nítida a percepção da construção da sociedade através da obra de um autor, e, diante disso, analisar a autonomia do escritor e sua forma de escrita. “A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados.” (CÂNDIDO, 1967, p. 53).

Uma obra literária faz parte desse sistema simbólico que o autor chama atenção, no caso da Adelaide Carraro, permite um diálogo com a sua experiência e vivência de outras pessoas que observa para tratar de questões sociais. O sexo dentro da narrativa de Carraro, está associada ao contexto social em que o indivíduo vive, às problemáticas do enredo voltado para o social, ou seja, a obra representa uma intenção de questionamentos diante do que observa na sociedade, representando o que pretende transmitir ao leitor, que tipo de desejos ou sensações o leitor terá lido, significa sua visão de mundo enquanto escritora ao se posicionar.

Diante disso, o presente trabalho busca entender o porquê de a autora afirmar e reforçar sobre o que escreve ser somente a verdade, visto que, uma literatura possui partes da realidade, porém, também possui fração de ficção, necessária para que o próprio autor dê um desfecho àquilo que busca transmitir ao leitor. Sabemos que no campo da história, afirmar uma verdade como única é um equívoco, até porque consideramos que não existe uma única visão sobre o que analisamos.

Dessa forma, a perseguição que a autora sofreu com a censura, coloca-a em uma posição de transmitir uma espécie de defesa sobre o que escreve. Nesse sentido, a obra se divide entre a ficção e a sociedade, então, afirmar uma verdade sobre o que escreve demonstra uma construção de um imaginário sobre essa sociedade que em *Submundo da Sociedade*, parece ter a ver com um imaginário marcado por um país marcado por uma sociedade machista e racista. Adelaide Carraro constrói possibilidades por meio de um contexto e de uma escrita específica, a partir de sua obra, dialogando com o contexto. Até mesmo devido sua obra fazer parte de uma realidade de determinada memória, que contribui para a construção escrita do conteúdo, a dimensão de verdade da obra faz parte do imaginário social.

No início da entrevista publicada pela Revista Bordas do Centro de Estudos da Oralidade, supracitada, Adelaide Carraro comenta sobre seu pensamento diante do que escreve e o que considera ser a verdade. O que permite a reflexão de que uma obra literária não tem compromisso com a realidade, ou em comprovar tal “verdade” que a autora enfatiza na entrevista e em seus livros.

Mas, até que ponto é real? Até que ponto, tudo que ela escreve é verdade? Será que o sexo que Adelaide traz é o ápice da ficção? Ou são consideradas ápice as histórias de vida de outras pessoas, que tratam por exemplo, da situação precária dos orfanatos, em que são expostas, crianças que moravam na rua ou sua própria vivência dentro dessas instituições públicas?

Justamente pelo motivo da literatura não ter compromisso com a verdade, que instigou o fato de a autora se propor a retratar a realidade em seus livros. O discurso dela reforça que escreve o factual, que as pessoas precisam saber sobre o que é real na sociedade e que não relata a ficção. Isso mostra uma intencionalidade ao transmitir ao leitor seu compromisso com o que escreve. Seus questionamentos são reflexos de sua vivência, indignação dentro de intuições públicas em que ficou órfã e na fase adulta quando teve tuberculose e precisou de tratamento.

Em certos momentos da sua escrita apresenta uma aproximação com o jornalismo, no sentido da objetividade e em expor o que impacta, ao trazer fragmentos da realidade partindo de perspectivas da vivência de outras pessoas ou da sua história, de ir em busca da verdade para relatar à população. Adelaide Carraro escreve sobre acontecimentos do cotidiano e propõe reflexões de vários assuntos que interferem na sociedade, bem como a prostituição, classe social, negligência de instituições públicas, crianças de ruas órfãs abandonadas vivendo através do roubo e tráfico.

AC – Porque a censura acha que são contra os bons costumes, são imorais.

WN – E você o que acha?

AC – Eu acho que são livros reais, que contam uma verdade, são livros que o povo aceita, que o povo não é besta, não quer saber mais de estorinhas. Você vê, esses filmes que passam são bem eróticos e a Censura deixa, sei lá, comigo acho que é perseguição.”

WN – Então a sua é uma literatura de denúncia?

AC – É denúncia, literatura de denúncia, literatura verdadeira. Na hora em que eu escrevo eu procuro os casos. Tem muita gente que grava pra mim o caso que eu boto no livro, né? Conta: “aconteceu isso comigo, aconteceu aquilo, eu fui necessitada”, daí eu escrevo.

WN – Você nunca imagina uma história sem se inspirar numa experiência concreta?

AC – Não, estória inventada é muito difícil, sei lá, acho que eu poderia escrever ficção, mas ficção é uma coisa que eu não tenho jeito pra escrever, não. Eu vou buscar o quê pra escrever? Os outros já usaram tudo.”

WN – Se eles pensam assim, por que seus livros continuam sendo proibidos?

AC – Porque agora a censura acha que os meus livros são problemas, são contra os bons costumes do Brasil, né, eróticos, mas eu acho que é uma fase que depois vai ser superada, porque eles vão ver que é a época, você não pode esconder o sexo, né?

Outro ponto importante da entrevista foi a pergunta que o entrevistador perguntou para Adelaide Carraro sobre os outros livros publicados, já que conversavam sobre seus dois primeiros livros publicados em 1963 e 1965, “Eu e o governador” e “Falência das Elites”. A escritora ao referir-se sobre as obras, mencionou a censura por incluir em seu acervo literário, cenas de sexo. Essa perspectiva permite pensar que a própria autora tinha consciência do motivo pelo qual seus livros foram censurados.

A preocupação da autora parece ser também com que o alcance de sua obra fosse maior, para que mais pessoas pudessem ler o que escrevia, por isso, os títulos de seus livros são colocados de forma que chamasse atenção, apresentando impacto e provocando o leitor sobre o que poderia encontrar na obra. A exemplo dos seguintes títulos: “Os Padres Também Amam”, “Submundo da Sociedade”, “Escritora Maldita”, Elite Devassa, Eu Mataria o Presidente (dentre outros), reforça-se a característica de escolhas chamativas e que despertam curiosidade.

Ao fazer as afirmações de que escreve apenas a verdade, a autora chama atenção do público que nesse momento político de censura, buscavam através dos livros, maior aproximação com a sua realidade: “Percebemos que a produção literária possui um forte elo com o espaço, com o tempo e com as condições socioculturais onde está é construída” (FERREIRA, 2008, p. 4)⁶.

⁶ FERREIRA, Gilberto. *Realidade Versus Ficção: A Literatura como Fonte para a Escrita da História*. Dissertação (mestrado em História), Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004.

Nessa perspectiva, estamos discutindo neste trabalho sobre a ficção, usando esta forma de literatura como um produto do meio em que a autora presenciou e em como esse ambiente tanto da sua vida pessoal, quanto do período que viveu, impactou na escrita dos seus livros. A arte constrói uma mediação do real e, por isso, o contexto estudado é a década de 70 considerando a publicação do livro ser em 1973.

Neste sentido, torna-se importante destacar o fato de que a produção da obra literária está associada ao seu tempo, refletindo em suas narrativas angústias e sonhos de agentes sociais contemporâneos à sua criação e mesclando elementos de ficção e das possíveis realidades existentes no momento da criação literária. Dessa forma, a obra de ficção lida com ações sonhadas, com sentimentos compartilhados, com intermediação entre o real e as aspirações coletivas. A obra literária constitui-se parte do mundo, das criações humanas, e transforma-se em relato de um determinado contexto histórico-social. (FERREIRA, 2008, p. 5).

Compreender essa vivência da autora e o porquê de ela se colocar como uma pessoa que escreve somente o real, de certo modo, em conjunto com suas obras, trazem aspectos que refletem como Adelaide Carraro enxerga a sociedade que vivia, considerando sua experiência de vida em orfanatos e na fase adulta no hospital público por conta da tuberculose. Assim, a realidade que Carraro escreve e as histórias que escolhe contar, estão ligadas também às suas experiências, além disso, devemos considerar que a autora escreve de forma crítica sobre a sociedade em um contexto de censura e de repressão militar.

Nesse caso, a literatura faz parte de um discurso, uma representação para expor o que quer que seja lido. Por isso, o historiador ao analisar suas fontes, precisa fazer a crítica para entender o sentido do que foi produzido e para quem foi direcionado. Diante disso, reflete sobre o discurso presente na própria escrita⁷. Visto que, as perguntas são extremamente importantes para o desenvolvimento desse procedimento histórico como pesquisador, assim, deve-se relacionar a teoria com a prática para entender as relações da história e colocá-la à parte de uma realidade.

Com isso, surge a diversidade de produções artísticas de personalidades que viveram neste contexto e que buscavam fazer uma reflexão, uma representação de como era o período, a vida em sociedade segundo a sua visão, valores e suas experiências, seja por meio da música, literatura, entre outros. A discussão inclui as representações, tendo como exemplo a narrativa literária, que parte de um discurso inserido pelo ambiente do

⁷ Presente em “A Escrita da História” (CERTEAU, 1982, p.65).

próprio escritor, para quem direciona suas obras e de certa forma descreve essa dualidade entre o real e a construção ficcional.

Nesse sentido, a obra literária da Adelaide Carraro, possibilita pensar sobre a linguagem utilizada, a forma com que aproxima o autor de seus escritos, trata-se de uma linguagem popular, assemelhando-se muitas vezes, à fala e, nesta obra, a autora aparece como narradora dentro de seu próprio livro, evidenciando uma relação ao qual demonstra seus pensamentos como narradora e assume posição ativa dentro do livro, bem como, alusivo às denúncias em relação às falhas do governo e a negligência com os cuidados com crianças órfãs, falta de assistência social, etc.

A autora possui uma característica muito presente em seus livros que é abordar problemas sociais, expondo assim, gestores públicos e problemas sociais que muitas vezes são esquecidos. Diante disso, a escolha de escrever sobre diferentes problemas sociais como forma de denúncia, exposição, no sentido de alertar os leitores, é algo importante a ser considerado ao ler suas obras e, com isso, perceber a censura, já que o período é de forte repressão militar e, a autora se posiciona de forma crítica, opondo-se aos valores morais e sociais presentes neste período.

A obra foi censurada por ser associada a um conteúdo subversivo e por isso, as hipóteses da pesquisa vão lidar com essa dimensão crítica que está conectada, não somente à censura referente ao erotismo, como também à dimensão da crítica social que Adelaide Carraro traz em sua obra. Em função disso, esse trabalho relaciona a forma como é construída a ficção e o que significa para os historiadores tratar essa literatura como uma arte que constrói uma mediação do real.

2. BREVES APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

A literatura popular e pornográfica será tratada pelo viés da história cultural com a obra “Páginas de Sensação” (EL FAR, 2004) que retrata o período de 1870 a 1924 ao descrever sobre as publicações populares, muito consumidas pelo aumento da alfabetização da população carioca. Desse modo, a literatura de sensação que neste contexto, expressava detalhes dos acontecimentos, relatava dramas emocionantes, descrições inesperadas tais como acidentes, mortes e descrição de crimes violentos, contrariando os padrões de comportamentos rígidos da sociedade patriarcal. “Um dos gêneros literários de maior visibilidade no interior desse amplo universo de livros destinados ao ‘povo’ foi chamado *romance de sensação*.” (EL FAR, 2004, p.113).

Por outro lado, a escritora menciona em seu livro que, com o aumento da produção do mercado editorial, no sentido de inovação de impressão permitiu baratear a produção e em consequência disso, aumentar os lançamentos de livros.⁸

“Nas últimas duas décadas do século XIX, inúmeros livros foram publicados com a finalidade de atingir uma parcela ainda pouco explorada pelo mercado editorial: *O povo*” (EL FAR, 2004, p.11). Essa ampliação tem um sentido econômico de atingir a maioria da população alfabetizada. Os impressos enquanto mercado de lucro e forma de entretenimento à população, que segundo El Far (2004), anunciados “livros para o povo” já estava implícito se tratar de volumes baratos e leitura fácil e por isso, consideradas populares. Nesse sentido, as obras populares não eram aquelas direcionadas a um público específico, e sim as que recebiam um tratamento editorial interessado em baixar seu custo de produção e dinamizar seu consumo.” (p. 12).

De acordo com a autora, os livros de romance constituíram o gênero literário que mais se espalhou neste período e a partir disso, cresceram as narrativas dramáticas, inesperadas, passionais. Com isso, a autora foca principalmente sua discussão em duas categorias: *romance de sensação* e *romance para homens*.

O termo “sensação” é utilizado frequentemente pela autora, pois a palavra traz a ideia de sentir o que se está vivendo e de expressar emoções. “Na vida real, toda situação inesperada, assustadora, impetuosa, capaz de causar arrepios e surpresa recebida tal conotação.” (EL FAR, 2004, p. 14). De modo geral, a expressão *sensação* aparece como uma espécie de alerta ao leitor sobre o que pode acontecer na narrativa, quase que uma forma de preparação, para se surpreender com o que pode vir, segundo Far, dramas emocionantes, conflituosos, mortes violentas, crimes e acontecimentos imprevisíveis. Além do autor, o editor também possuía um papel importante para a divulgação do livro, cativando a leitura da trama do livro.

Outra categoria analisada pela autora são os “romances para homens”, obras que descrevessem cenas de sexo, bem como mulheres prostitutas, padres que não cumpriam o voto de castidade, adultério, incesto entre outros. Considerados *romance para homens* devido a construção moral da sociedade que considerava impuro às mulheres saber esse tipo de coisa, visto que as mulheres eram vistas como delicadas, frágeis, influenciáveis e isso poderia corrompê-las, segundo os padrões do período.

⁸ Disponível em EL FAR, 2004, p.11

De modo geral, esses textos evocavam as primeiras descobertas da sexualidade feminina percebidas através dos olhares enamorados, dos beijos e toques furtivos da juventude, em resumo, do despertar da vida amorosa. E como as demais narrativas “sensacionais”, as personagens desfrutavam daquilo que não conheciam, deixando transparecer ao leitor suas experiências – um tanto quanto veladas- frente ao que deixava de ser estranho, distante do longínquo (EL FAR, 2004, p. 116).

Assim, a obra de Adelaide Carraro é compreendida como *romance de sensação* devido ao caráter popular dentro existente em suas produções literárias. Isso se faz perceptível diante da própria escrita da autora, a qual se preocupa mais com o que precisa ser dito do que com a utilização de vocábulos cultos. Tal caráter popular também ocorre devido a simplicidade de suas obras e por permitirem uma experiência ao leitor através da sua escrita, ou seja, traz sensações, desperta emoções referentes às histórias colocadas no livro, com muitos detalhes sobre os acontecimentos. Nesse caso, sensações contemplam leitores que de algum modo, se sensibilizam por ter vivido algo parecido ou por leitores que desconhecem essas vivências, mas, que a partir da obra refletem e sentem o que foi retratado.

A ausência de “enfeites” na escrita da autora é importante para desenvolver essa aproximação com o público no processo de compreensão de suas críticas, como enfatizado pelos leitores que enviaram cartas à Adelaide. Pela forma como constrói a narrativa, é de fácil identificação, por parte do público, Adelaide Carraro como narradora presente na obra, uma escrita considerada não erudita devido a linguagem ser diferente de outros contemporâneos, que possuíam uma escrita mais formal. usada ser diferente de autores do período com uma escrita mais “formal”. O que ela propõe é alcançar o leitor através dessa escrita e das críticas em seu livro.

Com isso, a obra também é associada ao *romance para homens*, denominadas como uma espécie de proibição a quem não fosse homem, devido ao conteúdo dentro de algumas literaturas serem associados a pornografia ou subversivos.

3. ANÁLISE DA OBRA

Em diálogos de Zé e Rui em “Submundo da Realidade”, percebe-se o vocabulário popular da autora ao escrever algo que é usado na fala, bem como: quando é utilizado essas palavras “buceta”, “lero lero “, “dava só a frente”, "traseiro" entre outras palavras que aparecem.

Adelaide Carraro, em suas narrativas, aparenta se direcionar à massa popular, acentuando a crítica à alta sociedade. Além de relatar romances, desejos em suas narrativas, impulsividade do ser humano como algo que faz parte da natureza humana seja homem ou mulher, busca propor em sua escrita um realismo, é objetiva ao escrever com clareza e de forma grotesca ao relatar relações amorosas, devido a intensidade que expõe os acontecimentos.

O amor ao exagero, as expressões claras e objetivas. O grotesco ao qual faz-se referência, está ligado ao realismo que mostra o corpo como algo central. O corpo exposto aos desejos, em sua expressão e forma do ser, sendo destacado pelos detalhes descritos sobre ele de forma a relatar impurezas, como na obra “Submundo da Sociedade”. Nesse caso, a escritora ao descrever sobre atos sexuais, a maioria ligados à relação de abuso sexual ou propriamente um estupro. Em que o homem força uma mulher, assim narra os detalhes para o leitor e apresenta uma brutalidade no personagem masculino (imposição) e a mulher condicionada a isso.

A obra “Submundo da Sociedade” de Adelaide Carraro, publicada em julho de 1973 no Brasil aborda questões vivenciadas pelo personagem principal chamado Zé, que enreda toda a história no livro. Zé, uma criança negra, ficou órfão muito cedo e por isso, aprendeu a cuidar de si, sozinho. Morava em Belo Horizonte, porém, ao ouvir as histórias de seu pai sobre seu patrão Lucas (que ganhou a vida em São Paulo, ficou rico), Zé decidiu mudar-se para São Paulo, em busca de se tornar um membro da alta sociedade. Durante a trajetória de Zé em São Paulo, passa por muitas dificuldades para entender o ambiente em que vivia, pois almejava ser da alta classe, porém, tudo que presenciou através de sua história e da dos outros personagens que contavam para Zé sobre suas vidas, sendo estas dificuldades retratadas através da narrativa, mostrando sua vivência em São Paulo.

Carraro, relata que a história está ligada à memória da sociedade, as feridas presentes na humanidade. O submundo é um lugar tratado para os que não foram aceitos pela sociedade ou, melhor, pela elite. Aqueles que não se encaixavam nos padrões da alta classe eram excluídos, pois não jogavam conforme as regras da elite, sendo esse grupo muito criticado na literatura de Carraro por seus membros praticarem atrocidades e saírem ilesos. Houve preocupação em expor o que acontece quando não se faz parte da alta sociedade. Mostrar o submundo em que viviam essas pessoas, bem como as prostitutas, crianças de rua, travestis, traficantes de drogas, ladrões, todos que eram excluídos por serem negros e pobres. São condições de vida que os deixam à margem da sociedade, estabelecida pela estrutura social do contexto relatado na obra.

São presentes na narrativa, os seus posicionamentos contra classe dominante, ficando evidente que Carraro se opunha ao sistema excludente que favorece a poucas pessoas, escreve sobre classe e raça de forma crítica. Essas narrativas foram motivos de censura do regime militar, em que a justificativa que colocaram para censurar as obras da autora foi a de ser pornográfica.

Mesmo deteriorada, a ‘alta classe’ é o lugar onde a felicidade material existe, satisfazendo as necessidades da “carne”, por isso os pobres urbanos desejam a ascensão social que acredita estar na capital paulista. Vemos assim os protagonistas adelaidianos em um entre lugar de classe, ocupando uma posição oscilante e indeterminada ao negar a permanência em uma esfera social sempre relacionada ao crime e a injustiça (CARRARO, 1973, p.11).

De volta à história, Zé juntou duzentos cruzeiros e decidiu mudar para São Paulo com o objetivo de ficar rico. O personagem é um menino de treze anos, negro e que perdeu o pai, além de estar sozinho em uma cidade que não conhecia. Em sua chegada em São Paulo, é enganado por um sujeito que roubou seu dinheiro, ou seja, uma criança sozinha em uma cidade que não conhece e agora sem dinheiro para comer e dormir.

- Então, fica vagando pela cidade sem saber para onde ir, esbarra em outro menino ao atravessar a rua
 - Não enxerga não, viado filho da puta!
 Zé fica vermelho
 - Desculpe-me. Estou...
 O sinal abre. O menino o agarra pelo braço e o puxa rápido para a calçada.
 - Quase que você foi atropelado. Você é biruta hein cara?
 - Tô tonto de fome.
 - Ah! Isso não é novidade. É a coisa que eu mais conheço. Menino com fome.

- A gente não vai dormir? – pergunta zé abrindo a boca.
 - Se você quer dormir, dorme porra.
 Zé olha para os lados.
 - Mas onde?
 - No chão. Ali perto daquela porta. É uma garagem, ninguém vai encher teu saco, pois só abre lá pelas sete horas.
 - Mas eu lá em Belo Horizonte, nunca dormi no cimento. - Mas lá em Belo horizonte é Belo – Rui gargalhou – Lá, talvez existiam sonhos para os meninos de nossa idade. Nós, daqui uns dias você vai conhecer a nossa turma, são mais de mil, somos os meninos paulistas sem sonhos, sem passado, sem presente e sem futuro. Isso quem disse foi um repórter, que veio nos entrevistar. Eu saí no jornal. Que nós somos de alguém. E que esse alguém, é o submundo das noites paulistas.
 - Eu não sei o que é isso.
 - Logo você vai saber.
 - Logo quando?
 - Quando você começar, como a minha turma, a andar, lado a lado com traficantes, prostitutas, assassinos, viciados e pederastas (CARRARO, 1973, pp. 20 - 21)

Diante essa perspectiva, a construção do personagem Zé, relaciona-se com as lembranças que seu pai lhe contava de quando trabalhava na casa de Lucas, os detalhes que contava sobre o lugar, roupa, forma de falar que fez com que Zé vislumbrasse esse mundo da alta classe e surgisse um sentimento de querer pertencer a ela.

Esta ânsia se intensifica com a morte de seu pai e Zé, uma criança órfã morando em Belo Horizonte, decide com o dinheiro que tinha, mudar-se para São Paulo em busca de mudar de vida, se espelhando nas histórias que seu pai contava da casa de Lucas, do comportamento da família sofisticada, linguagem culta, entre outras coisas. Então, muitos diálogos do momento em que Zé chega em São Paulo, torna-se morador de rua e desenvolve com outros meninos de rua, são desenvolvidos desde sua base familiar, para que pense que apenas quem possui dinheiro, consegue conquistar as coisas e ser bem-visto, aceito na sociedade.

Zé e Vítor, outro menino que morava na rua com ele, demonstra dizer que “família” é a representação da família de Lucas, bem como, quando Vítor conta sobre sua família, Zé em seguida conta alguma história sobre Lucas, como exemplo do que seria família, já que ambos não tiveram uma base estruturada e a situação que se encontravam era de dormir na rua e de crianças lutando por sua sobrevivência.

O personagem Vítor explica a Zé que ‘mãe com espinha fora do lugar, irmã louca e pai bêbado, não é ter família’. A presença da instituição família e as relações sociais que nela se desenrolam cotidianamente não são a garantia de possuí-la. Vítor não sabe o que significa família, mas tem a certeza que não tem uma. Zé lhe apresenta uma referência de família que perpassa raça, classe e gênero, descreve a de ‘Seu Lucas’, patrão do pai que é ‘bonitão, alto, encorpado’. Ele casou-se ‘com uma linda moça da alta sociedade’, o ‘rosto deles é tão vermelho que parece uma maçã’. (VIEIRA, 2020, pp.11-12)

Em diálogos do livro, fica nítida também a associação da cor da pele branca com a alta classe social, de tal modo que a forma física e a cor da pele ou classe social sejam elementos que remetam a conquistas desejadas por Zé como uma família ideal, bem estruturada e que o personagem principal ansiava

Zé é inicialmente descrito como um menino negro, pobre e órfão que deseja tornar-se parte da alta classe, como forma de busca pela felicidade ou finalmente, para onde todos os problemas seriam resolvidos.

Na fase adulta, Zé começa a trabalhar na casa de uma mulher rica e que ele sente muita atração. As descrições no livro mostram a sexualização de um homem negro, com base em características como o volume do seu órgão genital, o qual é idealizado pela rica

mulher, Cristina. Por sua vez, a patroa sente-se atraída por Zé, não de modo a imaginá-lo como futuro marido, com quem teria filhos, mas, como um homem que pode satisfazê-la sexualmente. A personagem de Cristina se relacionava com vários homens brancos e nenhum conseguia fazê-la sentir o prazer que procurava.

Apresenta-se uma discussão importante em que mostra os vestígios da colonização sobre o estereótipo construído em relação ao corpo do homem negro ou da mulher negra. Nesse caso, o homem negro é objeto de hipersexualização, devido sua forma física, visto como provedor de prazer pela personagem Cristina.

Por outro lado, Zé, homem negro em busca de uma ascensão social, se vê envolvido pela fantasia de que por estar com uma mulher branca, receberia algum prestígio ou até mesmo mudaria de posição social.

Então percebemos que os binarismos não se sustentam na narrativa, já que para a trama se desenrolar a Interseccionalidade deve acontecer. Nesse sentido, os códigos culturais ligados à raça e a classe tornam-se valores permeáveis às trocas dentro de uma rede de interesses diversos envolvendo os dois personagens. Para a protagonista tratava-se de uma satisfação sexual que os homens brancos eram incapazes de lhe dar, para Zé tratava-se de uma relação de gênero que lhe trazia a possibilidade de mobilidade social (VIEIRA, 2020, p.13).

A escritora busca explicar aos leitores sobre essa produção de desigualdade social de diversas formas em *Submundo da Sociedade*. Importou para seus escritos, reflexos de sua vivência com as instituições que lhe causaram incômodo. Muito de seu posicionamento político de oposição ao patriarcado e ao regime militar é representado em suas narrativas.

Outro aspecto que merece destaque é em como as cenas de sexo são descritas pela autora. Tais cenas possuem detalhes minuciosos, tal como, penetração do homem com a mulher, o desejo feminino e masculino, mordidas e chupões nos seios, por exemplo. Grande parte do livro, de alguma forma, traz à tona a questão dos desejos sexuais e temas que moralmente não eram aceitos pela sociedade.

Ao falar sobre sexo em várias partes do livro, utiliza termos considerados “vulgares”, por exemplo o uso de palavras como “trepar” e “foder”. A autora usa uma linguagem que muito se aproxima da linguagem oral e popular, uma vez que as páginas possuem descrições muito explícitas, especialmente ao narrar cenas de sexo, vinculando-as com características sociais bem como ocorre com a personagem Laura.

Carraro ao se referir à Laura, define-a: “Laura, a prostituta”, inclusive, há um capítulo com o mesmo nome em que Laura conta sua história para Zé, dizendo que foi enganada por seu marido, quem começou a contratar pessoas para dormir com ela e a chantageava dizendo: “comprei essas coisas pra você, mas preciso pagar” então, obrigava Laura aceitar a fazer sexo com outros homens. (CARRARO, 1973, s.i.).

A personagem foi traficada para uma casa de prostituição em que vive em condições bem difíceis de higiene e drogas, ademais nesta parte da história, a droga foi algo exigido pelo traficante de Laura, coagindo-a de fazer uso e assim, viciar-se para que não conseguisse sair mais desta vida. O objetivo do traficante era o de que Laura sempre ficasse em dívida com ele, pagando-o com seu corpo.

Os desejos de Zé pela madame, Cristina também são interessantes. De início, surgem os desejos ardentes, relata-se a insatisfação sexual da mulher rica e os calafrios que sentia ao desejar o ato sexual com o sexo oposto. Os desejos de ambos são muito bem explorados pela narrativa com uma riqueza admirável de detalhes, até que a relação sexual fosse associada a algo proibido.

A personagem descrita pela autora como madame segue o conselho do psiquiatra sobre sua constante insatisfação sexual e o anseio desenfreado por sexo. Então, Cristina vai para fazenda e leva Zé, que trabalhava como vigia em sua casa, e suas empregadas. A autora mostra uma perspectiva da fazenda descrita como casa-grande, com varanda e os empregados dormindo afastados. Um dos vestígios remetentes à escravidão são explorados pela narrativa, descrevendo essa casa de Cristina, que pertence a essa alta sociedade, como símbolo do zelo pelo padrão escravocrata que vivenciado no Brasil.

Nesse período em que ficaram na fazenda, Cristina tem crises de “histeria” ao querer muito uma relação sexual após deparar-se com Zé, seu vigia com seu “pênis enorme”, e “uma mulatinha” no ato sexual, no mato afastado da casa. Cristina estava andando pelas proximidades quando presenciou o momento o qual não conseguiu tirar da cabeça e ardia de desejo em sentir tal prazer.

Movimentando-se, daqui e dali e falando sem parar, pensava esquecer a cena da relação sexual entre Zé e a mulatinha. Cris precisava de um homem. Queria, desejava loucamente, ardentemente, estar debaixo de um homem. Queria senti-lo entrar em suas entranhas, freneticamente. (CARRARO, 1973, p. 134).

O desejo na obra de Adelaide Carraro é demonstrado de forma animalesca, selvagem tendo essa associação com o naturalismo. Conectar esses desejos a pensamentos sobre o sexo com impulsos da natureza, associação a animais que agem por seus instintos.

Como a personagem Cristina, uma mulher da alta sociedade que não conseguia se satisfazer com vários homens, como se faltasse algo, em vários momentos, a autora descreve os calafrios que Cristina sentia, arrepiar o corpo de desejo e de não conseguir saciar toda essa vontade.

Uma mulher da alta classe que imaginava cenas com animais no ato sexual e sentia desejo oculto dessa selvageria, ao invés de considerar algo imoral devido sua posição na sociedade, devido ao fato de ser mulher e a esta última ser vista com pureza, que precisava se controlar, e ter de portar de tal forma perante à sociedade, a escritora aponta esse desejo oculto por uma satisfação sexual, deixar-se levar pelos desejos da carne, associado a imaginação dessa mulher, talvez pelo fato de Carraro querer desmascarar a alta sociedade apresentando essa hipocrisia por parte de demonstrar algo que não fosse verídico.

Então, a autora transparece esses desejos por meio da personagem de Cristina.

A própria questão erótica no livro, as descrições dos movimentos no sexo, do desejo, mostram esse confronto com uma moralidade da sociedade em que o sexo é considerado um tabu. Esse impacto, causado pela obra da Carraro justamente sobre trazer em seus livros discussões que confrontavam o decoro do período, foi censurado. Então, a obra contribui muito para a compreensão deste impacto principalmente porque existia uma estrutura social muito conservadora que ditava e pressionava sobre o que deveria ou não ser lido, o que seria considerado inapropriado.

4. CENSURA DA OBRA: ANÁLISE DE JORNAIS

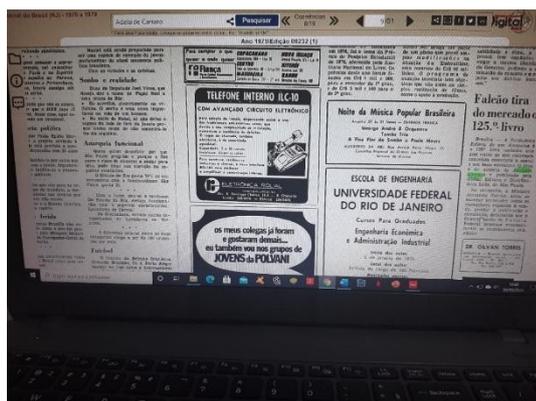
Em imagem do Jornal do Brasil (RJ) - 1970 e 1979⁹, aponta-se a perseguição e censura sobre as obras da autora Adelaide Carraro. A matéria traz a seguinte informação: “Brasília – A verdadeira estória de um assassino é o 125º livro incluindo este ano entre

⁹ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL I: Coleção Casa dos Contos. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

os que externam conteúdo contrário à moral e aos bons costumes. O livro é de autoria de Adelaide Carraro e foi publicado pela Global Editora Distribuidora Ltda, de São Paulo.”

No despacho, além de o Ministro da Justiça Armando Falcão mandar apreender todos os exemplares expostos à venda, proibir a publicação e circulação, determina que o departamento de polícia federal processe criminalmente os responsáveis pela edição.

Imagem 1 - Jornal do Brasil (RJ)



Fonte: Elaborado pela autora. Ano: 1975/ Edição: 00232

Nesta lista publicada pelo Jornal do Brasil, aparecem vários livros censurados de Adelaide Carraro, inclusive “Submundo da Sociedade”. No título desta matéria, destaca-se a censura e que os brasileiros não podem ler esses livros.

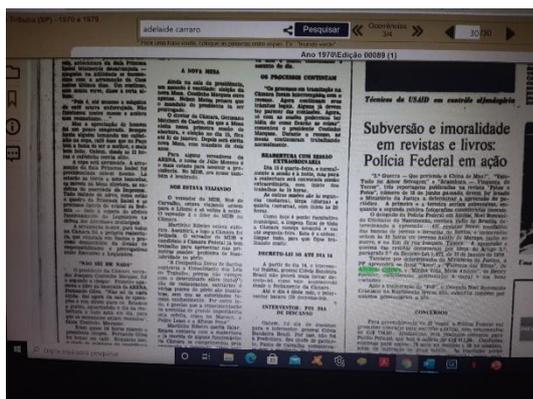
Imagem 2 - Jornal do Brasil (RJ)



Fonte: Elaborado pela autora. Ano 1977/ Edição 00050.

Jornal A Tribuna publica livros que foram apreendidos pela Polícia Federal, por considerarem como Subversão e Imoralidade. Inclusive aparecem dois livros de Adelaide Carraro, o primeiro chamado “Asco” e outro com título “Falência das Elites”.

Imagem 3 - Jornal: A tribuna (SP)



Fonte: Elaborado pela autora. Ano: 1970/ Edição: 00089.

Desse modo, as três imagens permitem refletir sobre a perseguição da qual sofreram diversas obras literárias publicadas entre os períodos de 1970 a 1979, em que houve a intensificação desta fiscalização sobre os livros. Durante o Governo de Ernesto Geisel (1974-1979), o ministro da Justiça nesse período militar, Armando Falcão, teve como finalidade controlar a produção de livros.

Diante disso, a questão levantada por esta pesquisa é a de buscar compreender o contexto de forte repressão militar, mediante a censura e monitoramento dos meios de comunicação brasileiros. A escolha do período parte de um aspecto importante referente às mudanças dos padrões e comportamentos e por isso, faz-se relevante entender quais eram esses padrões exigidos na sociedade patriarcal. Além disso, é válido também discutir questões sobre a moralidade muitas vezes atrelada à sexualidade e assim, entender o porquê de haver essa classificação erótica nas obras de Adelaide Carraro.

A obra “Submundo da Sociedade” é classificada como erótica pela censura brasileira, no período de publicação inclusive, ocorreram denúncias questionando o que de fato deveria ser exposto nas bancas e livrarias. Nesse caso, as obras de Carraro foram perseguidas pela censura, bem como ocorreu com outros artistas considerados subversivos pelo teor de suas publicações. As autoridades da época estavam incomodadas com esse tipo de conteúdo considerado amoral.

No Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), possui um dossiê indicando o processo DICOM n° 67.657¹⁰, carimbado pelo Ministério da Justiça de Divisão de comunicação como documento sigiloso - o Ofício N° 26 de 19 de outubro de

¹⁰ Arquivo Nacional (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Relação de processos da Divisão de Segurança e Informações [do Ministério da Justiça]: 1955-1987. Rio de Janeiro, 41f.

1975, Brasília. Neste dossiê, as informações destinadas ao Senhor Ministro sobre as publicações expostas em bancas de jornais cujo conteúdo julgado como subversivo e propôs um plano de ação contra a dita corrupção moral, sugerindo a verificação dessas publicações e determinação de censura para a literatura pornográfica.

Nesse sentido, a pesquisa parte da análise da perseguição às obras literárias consideradas pornográficas, compreendendo quais as motivações da censura, visto que se intensificaram nos anos de 1970 as ações de fiscalização do conteúdo, o qual ferisse e carregasse ideologias opostas ao regime, à moral e aos bons costumes. Para compressão sob uma perspectiva história da censura moral, válido utilizar como base “Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970” (MARCELINO, 2006). O trabalho acadêmico teve como objetivo realizar a análise da censura de livros no período de 1970, enfatizando a existência de duas censuras distintas (censura moral e censura político-ideológica).

Na parte II da tese com subtítulo: “Censura política e literatura em meados da década” o autor apresenta o ano de 1970 marcado pela expansão do mercado editorial de livros, ampliando conseqüentemente a procura de obras literárias. Diante disso, realça-se que a censura aumentou sua atenção para produções literárias.

Nesse sentido, a distinção que vimos fazendo, quanto às censuras moral e política existentes durante os anos 1970, não deve ser compreendida de modo simplista: essas duas dimensões, muitas vezes, se mesclaram na prática censória do período. Até porque, conforme já mencionamos, a censura de costumes foi, diversas vezes, utilizada como um pretexto para se vetar obras tidas como “subversivas” ou “atentatórias à segurança nacional (...) De fato, a proibição ou liberação de muitos dos livros do período ficava sujeita, em larga escala, ao caráter moralmente mais ou menos conservador dos técnicos de censura que os examinavam (MARCELINO, 2006, p.115 -169).

Em “Nos bastidores da censura” (SILVA, Deonísio da, 2010) optou-se por analisar “Feliz ano novo” (FONSECA, 1975)¹¹ com bojo na relação entre escritor e Estado. Os objetivos de Silva (2010) traduzem-se em buscar realçar as razões da censura no intervalo temporal e estudar a dimensão estética da literatura, unindo, dessa forma, a relação entre o escritor e o poder. A análise do estudioso englobou uma extensa lista contendo as 500 entre as obras mais censuradas no Brasil.

O interessante desta discussão provocada faz referência à própria censura, não somente em livros, mas ao passo que se intensificaram, conforme o autor. É considerada

¹¹ FONSECA, Rubem. Feliz ano novo. Artenova: Rio de Janeiro, 1975.

perseguição, quando diversas obras de mesma autoria recebem censuras. A questão se traz é: se a censura perseguia alguns escritores, tudo o que fosse publicado por esse escritor já se tornaria mais visado e mais resistente à aprovação de livros de acordo com o sistema de censura.

Um exame dos títulos proibidos no Brasil de Geisel dá a medida da obsessão censória com os temas vinculados à sexualidade, mas às vezes apenas os nomes dos perseguidos indicam, ainda que rapidamente, e ao mais ligeiro olhar, os sintomas da perseguição. Basta ver a contumácia das exclusões dos nomes de Adelaide Carraro e Cassandra Rios (SILVA, 2010, p. 20).

Sem aprofundar a discussão, o autor contribui com a reflexão construída considerando as obras mais censuradas no Brasil. Em sua análise, as censuras eram mais recorrentes e os conteúdos considerados mais obscenos em produções de autoria feminina, o que impacta, sem dúvidas, na discussão apresentada no presente trabalho, especialmente ao considerar que Carraro teve diversos livros proibidos pela censura.

Dessa maneira, em diálogo com o artigo “A Cultura e Representações, uma trajetória” (PESAVENTO, 2006, s.i.). que aborda reflexões sobre a História e a concepção de cultura para os historiadores, ambos se assemelham aos antropólogos.

No sentido de compreender a cultura como produção social e expressões das quais refletem o tempo em que vivem, a prática condicionada ao modo de ser e à cultura apresenta-se como uma representação da realidade e com isso, se assemelha à literatura que parte do reflexo do real, dialogando com a ficção presente na forma narrativa. Assim, entender a representação do discurso escrito ao analisar um documento, não estabelece uma verdade sem buscar a intenção de quem o fez, utilizar da crítica quando se trata de um instrumento para o conhecimento.

A partir da ideia de que a cultura atua como um produto social, é possível depreender o quanto a ditadura militar influenciou o período datado entre os anos 60 e 70. Para se manter no poder, era necessário vincular-se ao instrumento vigente sobre os costumes e ao amor pela pátria, como uma forma de exercer controle sobre as ações dos brasileiros.

Esses conflitos e tensões advindos com a ditadura militar tiveram início em 1964 e durou vinte anos, até 1984. Neste período, é válido destacar o ano de 1968 marcado pelo ato institucional nº5 e a gestão de governo do General Ernesto Geisel em 1974, considerado um dos períodos mais duros da ditadura no sentido de repressão. O ministro

escolhido para esse governo foi o ministro da justiça Armando Falcão, considerado um dos maiores censores do Brasil.

Seu ministro da justiça passou à história como o maior censor do Brasil em todos os tempos: mais 500 livros proibidos, além de centenas – e às vezes milhares – de filmes, peças de teatro, músicas, cartazes, jingles e diversas outras produções, entendidas como artísticas e culturais, censuradas entre 1974 e 1978 (SILVA, 2010, p. 18).

As circunstâncias diante do contexto brasileiro marcado principalmente em 1960 e 1970, era o de uma realidade social conflituosa devido às guerras e a forte repressão militar e a República, marcando a memória nacional apoiada em um modelo político liberal sob influências internacionais. Diante disso, havia uma necessidade de reorganização de ideias na sociedade. O sentimento presente era de “crise” (termo muito utilizado nesta época, sinônimo de decadência). Faz-se importante compreender esse sentimento de mudança de mentalidade criado para condicionar a nova realidade aflorada com os conflitos contemporâneos à Ditadura Militar.

As crenças políticas estavam abaladas, os nacionalismos na ordem do dia, e as demandas pela extensão de direitos políticos e sociais cresciam, como as greves e outras agitações urbanas anunciavam, mesmo no Brasil. (NOVAIS; SOUZA, 1998, p. 491).

A política brasileira em formação de uma busca pela modernidade da qual a questão presente analisa o que simbolizava para este período um pensamento de inovação. Visto que, a busca por manter as relações internacionais e investimentos, são meios de equiparar a situação de caos instaurado pela ditadura ou até para desfocar do que acontecia aos que sofriam repressão militar. A busca pela modernidade política tem como fim dominar o espaço público e fortalecer o poder do Estado.

Ademais, a moral estabelecida pelos militares baseava-se em padrões de comportamentos que a população deveria seguir e por meio dessa intervenção de valores morais, muitas obras literárias foram consideradas pornográficas por descreverem sobre os desejos sexuais do ser humano, como o caso da escritora estudada neste trabalho.

Além de criticar diretamente o governo e a alta sociedade, a ditadura militar buscava silenciar escritores, músicos, movimentos de manifestação que criticassem o regime militar, que abordassem temas de conotação sexual ou crítica à política, ou seja, tudo que confrontasse o moralismo conservador.

A literatura de Adelaide Carraro possui uma característica de crítica dessa dimensão social desigual, crítica às instituições públicas, ao governo e ao racismo. Carraro escrevia sobre problemas enraizados na sociedade em que não eram comuns serem escritos em forma de afronta, escrita simples que aproxima do público em geral, que vivencia esses problemas no cotidiano. A vivência da autora influenciou sua perspectiva de posicionamento político, o que averiguamos em suas produções literárias, os posicionamentos contrários ao governo e as formas em que as instituições se organizavam, neste caso em específico, a falta de organização e saneamento.

A publicação de “Submundo da Sociedade” ocorreu durante um período em que a censura advinda da Ditadura Militar agia de forma ferrenha, especialmente em livros. A própria obra foi alvo de censura. A autora se posicionava politicamente de forma contrária a essas estruturas sociais que favoreciam a poucos e à negligência aliada a falta de saneamento básico em instituições que recebiam crianças órfãs.

Quando a autora descreve sobre a prostituição, demonstra uma sensibilidade com esse público, na medida em que traz relatos de experiências partindo do ponto de vista de quem as vivenciou - muitas vezes associando-se ao tráfico de mulheres, às baixas classes sociais e a diferença entre alta classe e pobreza. Neste livro, as vivências aparecem nesse contraste social de desigualdade. Então, a autora se coloca como uma escritora que traz a verdade e que as pessoas precisam ler para saber o que acontece na sociedade. Uma forma de se posicionar e de questionar fazendo reflexões e trazendo histórias para descrever essas distinções na sociedade.

Dessa maneira, a autora não aborda apenas o sexo em suas narrativas, como também, diversas questões sociais e políticas. No entanto, mesmo que o título vá além, explore as dimensões política e social, a censura perpetuou sua associação a publicações pornográficas. Sobre isso, válido pontuar que o título possui maiores similaridades com o naturalismo, do que com o romantismo¹² - justamente, pela forma que descreve atos sexuais, denotando essas cenas de teor social - com a questão da prostituição por exemplo. A autora inclui ao contexto da prostituição situações reais em que mulheres são coagidas sob uso de drogas para manter relações sexuais. Há também outro caso a ser citado como

¹² Os traços naturalistas da obra de Adelaide Carraro se refletem na forma como ela descreve os personagens e no enredo marcado por detalhes. Característica objetiva abordando assuntos da realidade. Uma literatura que traz aspectos do cotidiano em sociedade. Os personagens do livro estão relacionados a algumas questões sociais, descrevendo diretamente a relação entre o homem e a natureza, os animais e instintos.

exemplo. Nesta, o protagonista Zé, já em sua fase adulta, sente atração por sua patroa, mulher rica a qual ele prestava serviço de segurança.

Cristina, a patroa, não mantinha relacionamentos sérios com nenhum homem, pois nenhum deles conseguia satisfazê-la sexualmente.

Após terem relações sexuais, Zé e Cristina saciaram desejos ardentes distintos: da parte do protagonista, de alguma forma, simbolizou o ingresso para a alta classe; para Cristina, se relacionar sexualmente com Zé, homem negro, descrito com órgão genital grande o qual vira sem querer mantendo relações com outra personagem, reproduzia muitas de suas fantasias. No momento em que a patroa branca viu o órgão genital de Zé no incidente descrito, quis sentir também aquele prazer.

Na medida em que essa socialização, entre jovens, concebe uma masculinidade negra hegemônica por meio de estereótipos marcados pela exacerbação físico-genital e incompletude intelectual, é a mobilização de tais traços como imanes destas masculinidades em uma psicologia coletiva que deve causar preocupação, pois esses traços acabam se tornando “ficções e definições sociais prevalecentes sobre masculinidades negras”¹³

A descrição da relação carnal desenvolvida entre os personagens e a riqueza de detalhes, não impediu que a autora agregasse o contexto social por trás da vontade ardente que compartilhavam em concretizar esse desejo proibido. Zé, que sempre sonhou em se tornar parte da alta classe e, imaginou que alcançaria o sonho ao casar-se com uma mulher já rica e pertencente ao segmento social. Do outro lado, a mulher que estava insatisfeita sexualmente, idealizou neste homem negro, o seu prazer. Desse modo, a questão da hipersexualização do corpo do homem negro aparece nessa situação, em referência a descrição do seu órgão genital e o desejo pelo proibido, como pode-se perceber no trecho: “Como os estereótipos atuam na construção dos significados diatópicos que dificultam a identificação de elementos positivos das masculinidades negras como práticas sociais.”¹⁴

A relação do personagem Zé com a Patroa Cristina indica essas práticas de hierarquização e de dominação dessas relações sociais. O personagem Zé representa a figura de um homem negro, pobre que busca por seu espaço na sociedade, almeja mudar de vida e passar a pertencer a alta sociedade. O personagem carrega uma bagagem de vida cuja violência faz parte do seu cotidiano. Desde muito novo, não teve amparo, vivia

¹³ CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Moraes Alan Augusto. *Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate*. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(1): 70, janeiro-abril/2017

¹⁴ CONRADO; RIBEIRO; ALAN. *Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate*, 2017, p. 74.

sozinho e tendo de solucionar seus próprios problemas, morou nas ruas de São Paulo, e, por muito tempo, passou por diversas situações de sofrimento.

A construção da narrativa permite refletir sobre essa ascensão de Zé em sua fase adulta, após ter se relacionado sexualmente com uma mulher branca, da alta classe e no quanto essa ascensão social interliga-se à sexualidade de Zé. Verifica-se a simbologia presente ao passo em que o homem negro “venceu na vida” por meio do contato com uma pessoa branca, marcando um traço tradicional do patriarcalismo colonial em que o sujeito negro só é reconhecido através de uma pessoa branca. Indicando-se que o sujeito negro necessita de uma aprovação dos brancos, para ter visibilidade social.

A obra realça, dessa forma, o imaginário próprio do patriarcalismo colonial em que a desigualdade racial se articula juntamente da desigualdade social, assim como a sexualidade e a moralidade. O estereótipo do homem negro caracterizado como irracional, animalesco, visto como um corpo de desejo, associado ao fetiche de que este corpo negro precisa ser forte e demonstrar virilidade, carrega um juízo de valor racista que traz imposições sobre o homem negro e reforça um estigma de masculinidade negra.

Tal estereótipo é a todo tempo construído e reforçado em “Submundo da Sociedade”. O protagonista da trama, Zé, muitas vezes assume esta imagem de homem negro, viril e forte: “Zé sabia que mulher assim, não era para ele” (...) “Ele queria empurrá-la, e foi levantando as mãos para isso, mas quando elas tocaram os seios pequenos de bicos arrebitados o macho estourou dentro dele lascivo e bestial” (CARRARO, 1973, p. 154).

Os perfis antropológicos de africanos escravizados e os estereótipos criados pelos colonizadores europeus nos levam a constatar alguns elementos presentes no mito sexual do negro hipererótico, lascivo, libidinoso e “bom de cama”: o escravismo colonial rebaixou e inferiorizou o homem negro a uma anatomia e corporeidade zoomórfica, na qual suas utilizações estariam limitadas ao trabalho forçado e à procriação animal, tal qual o boi, ser irracional, comparado quase sem nenhuma distinção significativa ao homem negro. A coisificação do homem negro por meio do tráfico humano, que o transfigurou em um objeto e/ou mercadoria, ressignificou as noções de beleza e estética negra que foram readaptadas e submetidas às dinâmicas de compra e venda de escravo (SANTOS, 2014, s.i.).

Essa hipersexualização do homem negro atribui às crenças de seus corpos como um objeto sexual excessivo, insaciável. Por isso, essas características do homem negro associado ao lado animalesco, do macho com uma representação de figura animal, bestial que traz um símbolo de força, de imposição e dominação do homem ao se satisfazer sexualmente, do seu órgão genial como demonstração da sua masculinidade. Essas

características são associadas aos homens negros que mascara em seus corpos como objeto sexual, uma máquina de sexo, insaciável. Estereótipo ligado a uma sociedade colonialista, racista cujo pensamento ainda é de dominação do corpo negro sexualizado.

Dessa forma, é preciso destacar o título desta pesquisa “Pecadores de mão dupla: sexualidade e exclusão social em “Submundo da Sociedade”. Conforme sugerido pelo título, o trabalho refere-se a homens excluídos socialmente e marcados pela distinção social, uma hierarquia que exclui homens negros e os colocam como objeto sexual para satisfazer o prazer da mulher. No caso desta literatura, o personagem Zé carrega tal estigma de homem negro sexualizado ao qual a patroa mulher branca sente desejos sexuais, mas, não se interessa em assumir um compromisso diante a sociedade, sendo esse relacionamento algo que acontece escondido. No título estudado, tudo que acontecia entre eles não poderia ser de conhecimento de ninguém, logo, quando Cristina não o quis mais, o descartou. O final que Zé possui é trágico, pois seu encanto com a alta sociedade, em dizer que se trata de “gente boa, gente limpa” reforça sua idolatria por sua patroa e em guardar o segredo.

Em outros trechos, vê-se descrições como: “Zé estava na cama da alta-sociedade”, porém, Cristina sua patroa grita que estava sendo violentada por Zé, quando o homem estava gozando. Cristina, grita por Lucas que também pertence a alta classe e pede que mate o Zé. Assim, Zé é morto quando idealizava o desejado pertencimento a essa alta sociedade. No depoimento final, Cristina depõe na justiça e afirma que Zé era um ladrão e estava roubando a casa dela e por isso, Lucas atirou para defendê-la. Os cúmplices foram absolvidos e o caso foi considerado legítima defesa.

Com isso, Zé não teve a chance de se defender, embora ninguém soubesse do caso dele com a patroa. O desfecho da história é marcado por duas formas de violência vividas pelo protagonista: a física, por ter sido morto, e a violência racial e de classe, em decorrência desses fatores influenciarem sua morte.

A realidade do preconceito racial e de classe os distanciava de alcançar o sonho de pertencer à alta classe. Cristina, a patroa usou Zé para se satisfazer sexualmente e quando seus desejos foram saciados, o descartou. O que destaca a discussão apresentada neste artigo é o imaginário social construído nessa obra literária que carrega esse pensamento colonial de hierarquização ao qual o negro, pobre é tratado como um objeto ou mercadoria. Além disso, a moralidade atrelada à sexualidade aparece no livro como parte desse contexto social de hierarquia social. A moralidade da alta classe é apresentada como uma máscara para encobrir o que fazem de errado.

A autora abarca feridas da humanidade, no sentido de escrever sobre questões que se associam a esse ambiente da década de 70, sobre uma sociedade conservadora, racista e hierarquizada socialmente com a distinção de classes. Válido reforçar outro elemento construtor do imaginário - censura voltada para a moralidade e os bons costumes.

A censura proibiu o "Submundo da sociedade", considerando o conteúdo subversivo a moral. Tal moral pode ser associada à sexualidade e ao erotismo, ambos muito presentes na obra, mas também, a subversão pode aludir às críticas sobre a forma como a sociedade é estruturada sociopolítico e culturalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Nacional (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Relação de processos da Divisão de Segurança e Informações [do Ministério da Justiça]: 1955-1987. Rio de Janeiro, 41f.

BARROS, José D'Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CALDAS, Waldenyr. *Literatura da cultura de massa*. São Paulo: Musa Editora, 2000.

- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1967.
- CARRARO, Adelaide. *Submundo da Sociedade*. (1ª edição). São Paulo: Gama (Global), 1973.
- CERTEAU, Michel. Operação Historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p p. 56-108.
- CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Revista Estudos Feministas*. 2017, v. 25, n. 1.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: Literatura Popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924)*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.
- FERREIRA, Gilberto. *Realidade Versus Ficção: A Literatura como Fonte para a Escrita da História*. Dissertação (mestrado em História), Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL I: Coleção Casa dos Contos. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
- MARCELINO, Douglas Attila. *Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970*. Dissertação (mestrado em História social), Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2006.
- NOVAIS, Fernando; SOUZA, Laura de Mello e. (orgs.) *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. v. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Cultura e Representações. Uma Trajetória*. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v.13, nº23/24, 2006.
- SANTOS, Daniel. *Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica*. *Universitas Humanas*, Brasília, v. 11, n. 1, pp. 7-20, jan./jun, 2014.
- SILVA, Deonísio. *Nos bastidores da censura. Sexualidade, literatura e repressão pós-64*. 2ª.ed. rev. Barueri, São Paulo: Manole, 2010.
- VIEIRA, Adriana Fraga. *Pornográficos ou perigosos? Subjetividades de gênero nos romances de Adelaide Carraro (1963 – 1985)*. Tese (doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis: UFSC, 2020.
- VIEIRA, Pedro. *Meninas Más Mulheres Nuas, Adelaide Carraro e Cassandra Rios no panorama literário brasileiro*. Tese (doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, 2010.

Declaração de autenticidade

Eu, Elisa de Araújo Lopes, declaro para devidos fins que o presente trabalho de conclusão de curso, cujo título é PECADORES DE MÃO TRIPLA: SEXUALIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL EM "SUBMUNDO DA SOCIEDADE" (1973) DE ADELAIDE CARRARO, foi integralmente elaborado e escrito por mim como requisito parcial para obter o grau de Licenciado/a em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Declaro, também, que as ideias, textos, e trechos de outros autores usados nesse trabalho estão devidamente creditados nas referências, notas e bibliografia constantes desse TC.

Cuiabá, 28 de Setembro de 2021.

Elisa de Araújo Lopes
Assinatura